



Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana
Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o Moderno e o Contemporâneo
ISSN 1809 - 709 X

Um estudo sobre as incidências da pulsão oral nas psicoses maniaco-depressivas¹

Flavia Lana Garcia de Oliveira

Orcid: [0000-0001-5338-9417](https://orcid.org/0000-0001-5338-9417)

Professora Adjunta do Instituto de Psicologia da Universidade Federal Fluminense / UFF (Niterói, Brasil)
Pós-Doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica da Universidade Federal do Rio de Janeiro –
Bolsista PNPd-CAPEs / UFRJ (Rio de Janeiro, Brasil)

Membro do Instituto Sephora de Ensino e Pesquisa de Orientação Lacaniana / ISEPOL (Rio de Janeiro, Brasil)

Membro da Associação Universitária de Psicopatologia de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental / AUPPF (São Paulo, Brasil)

Membro do Laboratório de Psicanálise e Laço Social / LAPSO / UFF (Niterói, Brasil)

E-mail: flavialanago@gmail.com

Filipi Dias de Souza Malta

Orcid: [0009-0009-0697-2592](https://orcid.org/0009-0009-0697-2592)

Graduado em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense / UFF (Niterói, Brasil)

Participante do projeto de pesquisa *Incidências de estados melancólicos e maniformes na clínica psicanalítica contemporânea*, na Universidade Federal Fluminense / UFF (Niterói, Brasil)

E-mail: filipidmalta@gmail.com

Resumo: Este artigo apresenta uma discussão sobre as repercussões do modo de funcionamento marcado pela pulsão oral como um elemento decisivo para que alcancemos as bases mais primordiais da psicose maniaco-depressiva. Entendemos que este estudo também pode auxiliar na elucidação da presença de estados melancólicos e maniformes em configurações neuróticas de maior gravidade, ou ainda, em psicoses não desencadeadas. Nosso recorte temático será desenvolvido a partir do referencial freudiano, conferindo um espaço significativo às contribuições de Karl Abraham. Também contará com a exposição de novas colaborações da psicanálise pós-freudiana, com enfoque nos impactos da voracidade pulsional na vida humana e as consequências psicopatológicas desse tipo de fixação libidinal. Por fim, buscaremos alinhar pontos levantados com o diferencial das teorizações de Jacques Lacan, resgatando sucintamente princípios de sua teoria da clínica como a relação ao grande Outro, a lógica fantasmática, o objeto *a* e o significante paterno.

Palavras-chave: Pulsão oral; Melancolia; Mania; Psicose; Psicanálise.

Une étude à propos des incidences de la pulsion orale dans les psychoses maniaco-dépressives : Cet article présente une discussion sur les répercussions du mode de fonctionnement subjectif marqué par la pulsion orale comme un élément fondamental pour comprendre les bases les plus primordiales de la psychose maniaco-dépressive. Nous comprenons que cette étude peut également aider à élucider la présence d'états en format mélancolique et maniaque dans des configurations névrotiques de gravité plus élevée, ou encore, dans des psychoses non déclenchées. Notre découpage thématique sera développé à partir de la théorie freudienne, accordant un espace significatif aux contributions de Karl Abraham. Il inclura également l'exposition de nouvelles collaborations de la psychanalyse post-freudienne, en mettant l'accent sur les conséquences de la voracité pulsionnelle dans la vie humaine et les conséquences psychopathologiques de ce genre de fixation libidinale. Enfin, nous chercherons à relier les points relevés avec la spécificité des théorisations de Jacques Lacan, reprenant brièvement les principes de sa théorie clinique tels que la relation au grand Autre, la logique du fantasme, l'objet *a* et le signifiant paternel.

Mots clés: Pulsion orale; Mélancolie; Manie; Psychose; Psychanalyse.

A study about the occurrences of oral drive in manic-depressive psychosis: This article presents a discussion about the repercussions of the predominance of the oral drive in subjective functioning as a decisive element to reach the primordial bases of manic-depressive psychosis. We understand that this study can also help enlighten the presence of melancholic and manic states in more severe neurotic configurations, or even in untriggered psychoses. Our thematic framework will be based on Freudian theory, giving significant space to the contributions of Karl Abraham. It will also include the exposition of new contributions from post-Freudian psychoanalysis, focusing on the impacts of drive eagerness in human life and the psychopathological consequences of this type of fixation of libido. Finally, we will seek to connect the issues raised with the uniqueness of Jacques Lacan's theorizations, briefly revisiting the principles of his clinical theory such as the relation to the Other, the

phantasmatic logic, the object a, and the fatherly signifier.

Keywords: Oral drive; Melancholy; Mania; Psychosis; Psychoanalysis.

Um estudo sobre as incidências da pulsão oral nas psicoses maníaco-depressivas

Flavia Lana Garcia de Oliveira & Filipi Dias de Souza Malta

Introdução

Manifestações da melancolização e de saídas maníacas atravessam diferentes momentos da humanidade, como respostas frente ao encontro com o impossível e com impasses na desafiadora tarefa de simbolização que nos torna humanos (Coelho dos Santos & Oliveira, 2022). Como categoria psiquiátrica, a psicose maníaco-depressiva figura nos estudos mais clássicos do século XIX. Tais pesquisas se preocupavam em sistematizar com rigor os fenômenos clínicos deste tipo. No ano de 1854, Baillarger faz o registro de uma "loucura em dupla forma", no qual a mania e a melancolia aparecem como dois períodos de uma mesma alienação mental. Nesta mesma direção, Falret enfatizou uma "loucura circular" que intercala três estados – mania, melancolia e intervalo lúcido (Bercherie, 1989, como citado por Coelho dos Santos & Oliveira, 2022). Na sequência, em 1896, a categoria kraepeliana da psicose maníaco depressiva é formalizada com maior consistência. Dela, depreende-se alguns marcadores que influenciaram os estudos freudianos da melancolia, tais como: o delírio de referência, ilusões da memória, pensamentos persecutórios, proféticos e inclinados às reformas do mundo (Kraepelin, 2012, como citado por Coelho dos Santos & Oliveira, 2022).

Entretanto, tal termo foi paulatinamente abandonado pela psiquiatria contemporânea, principalmente a partir da publicação, em 1968, da terceira edição *do Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorder* (DSM). Atualmente, tende a ser diluído nas categorias de transtorno bipolar e de transtornos de humor relacionados, ou mesmo na da depressão com sintomas melancólicos. A melancolia é mantida no DSM-5 apenas enquanto especificador de episódios de humor, caracterizando sintomas como perda de prazer, falta de reatividade a estímulos costumeiramente prazerosos, humor deprimido, agitação ou retardo psicomotor, anorexia ou perda de peso acentuada, assim como culpa excessiva ou inapropriada (American Psychiatric Association, 2013). Por razões, ideológicas e interesses de mercado, a dimensão do inconsciente é cada vez mais rechaçada e cede lugar a uma caracterização genérica e imprecisa dos fenômenos.

Este artigo segue na direção oposta a essas tendências pouco afeitas ao inconsciente, ressaltando o valor da lógica de funcionamento que a clínica psicanalítica permitiu esclarecer no que se refere a essa estrutura psicótica. Faremos este percurso apresentando uma discussão concisa sobre a gramática pulsional da oralidade como um elemento decisivo para que alcancemos as bases mais primordiais da dinâmica maníaco-depressiva. Essa escolha metodológica nos permite, além de revisitar aspectos nevrálgicos para o estudo das psicoses maníaco-depressivas, uma reflexão sobre os estados melancoliformes e maniformes que compõem também em configurações neuróticas de maior gravidade, ou ainda, em psicoses não desencadeadas.

Em proximidade com este ponto, consideramos o tema dos circuitos da pulsão oral no que este também é pertinente às problematizações clínicas sobre as adições, compulsões e outros excessos

sintomáticos próprios à sociedade de consumo atual. Nosso recorte temático será desenvolvido a partir do referencial freudiano, conferindo um espaço significativo às contribuições de Karl Abraham. Quanto a esta escolha, seguimos o reconhecimento de Freud (1925/2010c) acerca do valor deste autor:

Foi provavelmente Abraham quem mais avançou no esclarecimento das melancolias. É verdade que nem todo saber se converte atualmente em força terapêutica nessa área; mas também o ganho puramente teórico não deve ser pouco apreciado e bem pode esperar sua aplicação prática. A longo prazo, os psiquiatras também não resistirão à força comprobatória de seu material clínico (Freud, 1925/2010c, p. 149).

O embasamento deste artigo também contará com a exposição de novas colaborações da psicanálise pós-freudiana, com enfoque nas incursões de Joan Rivière sobre as origens e os impactos da voracidade pulsional na vida humana e, mais brevemente, algumas observações adicionais de Melanie Klein sobre as consequências psicopatológicas desse tipo de fixação libidinal. Por fim, buscaremos um alinhamento aos pontos levantados em nosso recenseamento nas teorizações de Jacques Lacan. Resgatando sucintamente princípios de sua teoria da clínica como a relação ao grande Outro, à lógica fantasmática, ao objeto a e ao significante paterno, buscaremos aplicá-lo a algumas de suas menções à pulsão oral ao longo de seu ensino.

Observações sobre as incidências do erotismo oral na melancolia a partir de Freud e Abraham

O texto freudiano *Luto e Melancolia* (Freud, 1917[1915]/2010a) é uma referência imprescindível aos estudos psicopatológicos da depressão melancólica e da mania, compreendendo o quadro mais específico de psicose maníaco-depressiva, que tem por característica mais fundamental crises periódicas de ambos os episódios de humor. Dialogando com o texto de Abraham *O primeiro estágio pré-genital da libido* (1916/1970b), e partindo de uma comparação entre a melancolia e o afeto do luto, Freud (1917[1915]/2010a) lança a hipótese de que a melancolia é efeito do mecanismo regressivo de uma escolha de objeto a um estágio anterior, o estágio do narcisismo, diante de uma decepção insuperável com alguém ou algo. Este processo identificatório narcísico leva a uma deformação do Eu causada por uma indiferenciação severa com o objeto. Este ponto mostra a relevância de uma justaposição entre a identificação maciça ao objeto perdido e a voracidade pulsional inerente à fase oral-canibalesca, justificada como resposta à ambivalência afetiva que acossa o aparelho psíquico:

[...] a identificação é o estágio preliminar da escolha de objeto, e o primeiro modo, ambivalente em sua expressão, como o Eu destaca um objeto. Ele gostaria de incorporar esse objeto, e isso, conforme a fase oral ou canibal do desenvolvimento da libido, por meio da devoração. Abraham relaciona a isso, justificadamente, a recusa de alimentação que se apresenta na forma grave do estado melancólico. [...] não hesitaríamos em acolher em nossa caracterização da melancolia

a regressão do investimento objetal à fase oral da libido, ainda pertencente ao narcisismo (Freud, 1917[1915]/2010a, p. 134).

No texto já mencionado, Abraham (1916/1970b) também demonstrou a associação entre a melancolia e o autoerotismo, vinculando aquela a uma fixação na fase oral que levava a uma incorporação patológica do objeto, conforme a explicação que se segue:

Nos estados melancólicos de depressão, a libido parece regredir ao mais primitivo estágio de desenvolvimento que nos é conhecido, ou seja, em seu inconsciente, a pessoa melancolicamente deprimida dirige a seu objeto sexual o desejo de incorporá-lo. Nas profundezas de seu inconsciente, há uma tendência a devorar e destruir seu objeto (Abraham, 1916/1970b, p. 77).

Este autor remontava esta enfermidade a diversas intercorrências que podem ocorrer durante o período de amamentação, como seu prolongamento excessivo ou sua interrupção precoce, propiciando uma fixação libidinal exacerbada e, assim, uma dificuldade de se desprender do estágio de sucção. Diante de perturbações nesta fase, a vivência do desmame pode ser experimentada enquanto castração primária (Abraham, 1924/1970c). As perturbações no período de amamentação e sua relação com as "ideias canibalescas" levam Abraham (1916/1970b) a refletir também sobre outros fenômenos similares, como a perda de apetite e o conseqüente medo de morrer de inanição, tão observados na psicose maníaco-depressiva.

Em seu sentido amplo, a identificação é concebida como um processo de assimilação das características de um objeto, tornando-o um modelo a ser seguido – ora igualando-se a ele, ora se diferenciando do mesmo. Abraham (1924/1970c) designa a introjeção como um tipo específico mais voltado para a inclusão de partes mais literais do objeto por um Eu ainda muito frágil. Portanto, mais intrínseco ao circuito pré-genital da libido. A incorporação seria uma das formas de introjeção. Tem como especificidade a relação com o erotismo oral. Ao se interessar pelo mecanismo de incorporação oral, Freud alcança um importante esclarecimento a respeito das autoacusações melancólicas e do sentimento delirante de culpa e à pequenez que delas advém: se dirigem propriamente ao objeto perdido, que se instaurou no Eu, dividindo-o.

Dessa forma, a melancolia envolve um dano considerável ao Eu, uma vez que uma parte do mesmo acolheu patologicamente de modo voraz o objeto perdido a fim de preservá-lo a qualquer custo, enquanto a outra rebela-se contra ele e o ataca de forma igualmente atroz. A regulação da dimensão afetiva é uma das funções do Eu que sofre maior prejuízo nesta configuração psíquica, sendo parasitada pela ambivalência do melancólico entre amor idealizado e hostilidade odiosa diante do objeto introjetado. A emergência do princípio de realidade como capacidade de discernimento é consideravelmente comprometida. Ao mesmo tempo em que tenta destruir o objeto que o desapontou, o melancólico busca guardá-lo, salvá-lo dentro de si, tal como o infante ao mastigar e deglutir o

alimento. O investimento objetual evidencia-se pouco potente, é cancelado, e a libido recua para o Eu. Por este motivo, “a sombra do objeto caiu sobre o Eu” (Freud, 1917[1915]/2010a, p. 133).

Partido desses pressupostos, exploramos algumas correlações entre o erotismo oral e o funcionamento melancólico desdobráveis ao longo do texto freudiano. Abraham é diretamente lembrado em breves passagens. As principais constam em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (Freud, 1905/2016a), *Psicologia das massas e análise do Eu* (Freud, 1921/2016b) e *O Eu e o Isso* (Freud, 1923/2010b). Em 1905, ao tratar das organizações pré-genitais da libido, Freud reconhece a dimensão sexual do ato de sucção, tão primevo nas vivências infantis. Enquanto primeira organização pré-genital, a “fase oral” está atrelada ao impulso de sucção originado pela necessidade real de alimentação através da amamentação. Para Freud, no entanto, trata-se de algo que excede a necessidade de satisfação nutricional e que se apresenta como algo de outra ordem, ligado a um impulso erógeno e autoerótico. O autor exemplifica o caráter de satisfação sexual do comportamento tão recorrentemente observado nos bebês de chupar partes de seu próprio corpo, como o dedo polegar. Em um acréscimo ao trabalho realizado em 1915, assim como em notas de rodapé posteriores de 1916 e de 1924, Freud indicou que a meta sexual da fase oral é o ato de incorporação do objeto, lido como uma forma primitiva de identificação:

A primeira de tais organizações sexuais pré-genitais é a oral ou, se assim preferirmos, canibal. Nela a atividade sexual ainda não se encontra separada da ingestão de alimentos, correntes opostas ainda não estão diferenciadas em seu interior. O objeto das duas atividades é o mesmo, a meta sexual consiste na incorporação do objeto, no modelo daquilo que depois terá, como identificação, um papel psíquico relevante. (Freud, 1905/2016a, p. 108).

Muitos anos depois, em *Psicologia das Massas e Análise do Eu*, Freud (1921/2016b) se debruça sobre a constatação de que, em muitos sujeitos, a separação entre Eu e ideal do Eu não progrediu suficientemente, podendo coincidir de modo a manter o Eu em um estado mais autossuficiente e menos estabilizado em consideração ao mundo externo e aos objetos disponíveis para o investimento da libido. A plena coincidência entre as instâncias do Eu e do ideal do Eu representa o fracasso do recalque em endereçar as pulsões a novos destinos, com a inibição de descargas pulsionais mais vorazes. Abraham é citado discretamente nesta explanação como um expoente na pesquisa clínica de casos de melancolia. Segundo Freud (1921/2016b, p. 96), “há sempre uma sensação de triunfo quando algo no Eu coincide com o ideal do Eu. Também o sentimento de culpa (e o sentimento de inferioridade) pode ser entendido como expressão da tensão entre Eu e ideal”. O maior estreitamento entre Eu e Ideal do Eu, que, como veremos, pode empurrar à euforia maníaca, também debilita o aparelho psíquico. Escamoteia-se a impossibilidade de o sujeito se tornar o que representa o ideal – via de regra, mais bem encarnado em uma figura de uma referência anterior, inscrita temporalmente em outra geração. Trata-se de um ímpeto voraz a uma realização fadada ao insucesso, que só pode resultar na culpa inconsciente pela ambição narcísica que a move.

Um pouco mais adiante, em *O Eu e o Isso*, já à luz do segundo dualismo pulsional entre pulsão de vida e pulsão de morte, Freud (1923/2010b) remete as autorrecriminações do melancólico à incidência de supereu mais cruel e severo, cultura pura de pulsão de morte, que agride a esfera do Eu e coincide com a incorporação do objeto perdido. A regressão da escolha de objeto ao narcisismo, por meio dessa incorporação de base oral, leva a uma des fusão entre as tendências de Eros e de Tânatos. Decai a chance de um advento do Eu a partir de uma fusão pulsional que incrementaria suas vocações civilizatórias, em parceria com a sublimação das pulsões:

[...] para a melancolia, vemos que o Super-eu extremamente forte, que arrebatou a consciência, arremete implacavelmente contra o Eu, como se tivesse se apoderado de todo o sadismo disponível na pessoa. Seguindo nossa concepção do sadismo, diríamos que o componente destrutivo instalou-se no Super-eu e voltou-se contra o Eu. O que então vigora no Super-eu é como que pura cultura do instinto de morte, e de fato este consegue frequentemente impelir o Eu à morte, quando o Eu não se defende a tempo de seu tirano, através da conversão em mania (Freud, 1923/2010b, p. 50).

É próprio às aquisições pós-edípicas uma modalidade de identificação ao objeto perdido formadora do ideal do Eu como "herdeiro do complexo de Édipo" (Freud, 1923/2010b, p. 45). Se essa sofisticação do aparelho mental, que passa a sustentar uma instância do Eu mais diferenciada do Id, guarda algum parentesco com a pulsão oral, é de modo mais sublimado e indireto, a partir da transmissão geracional que nos leva a uma distância maior de sermos objeto do puro Isso pulsional. Ela se dá sob a forma de um traço tomado para si que é metafórico de um patrimônio simbólico herdado. É o que parece afirmar Freud quando indica que: "Assim, o Id hereditário alberga os resíduos de incontáveis existências do Eu, e, quando o Eu cria seu Super-eu a partir do Id, talvez apenas faça aparecer de novo anteriores formas de Eu, proporcione-lhes uma ressurreição" (Freud, 1923/2010b, p. 48). Muito diferentemente, nas melancolias, pela radical des fusão pulsional, ocorre uma manifestação mais mortífera do componente oral da pulsão, com um engolimento mais massivo do objeto que massacra o Eu ao invés de preparar o sujeito para a vida.

Os dois estágios da fase oral em Abraham, suas relações com o erotismo anal e a fuga maníaca

O ineditismo da hipótese freudiana de que o melancólico retém o objeto perdido dentro do Eu ecoou fortemente nos trabalhos de Abraham sobre a psicose maníaco-depressiva. Algum tempo depois, em 1924, foi publicado seu trabalho mais robusto sobre a melancolia, intitulado *Breve estudo do desenvolvimento da libido visto à luz das perturbações mentais* (Abraham, 1924/1970c). Neste trabalho, Abraham incrementa sua concepção sobre a lógica da incidência da oralidade no funcionamento mental melancólico por meio de uma subdivisão da fase oral em dois tempos. Vale notar que Freud (1933/2010d) cita diretamente Abraham quanto a este aspecto, validando essas formas de fixação da

libido explicitadas por este autor. O primeiro deles, mais primitivo, estaria ligado estritamente ao ato de sugar. O laço com a mãe seria pré-ambivalente devido ao estado de extrema indiferenciação psíquica da criança com o corpo materno. Já o segundo corresponderia a um desdobramento em uma fase oral subsequente, contemporâneo à passagem da amamentação para a ingestão de alimentos sólidos, levando à substituição da sucção pela mastigação. O componente canibalesco apareceria de uma forma nova, mais agressiva, com a satisfação pulsional no morder. De acordo com Abraham (1924/1970c), o ato de morder, devido ao desenvolvimento dos dentes e da força da mandíbula, representa o primeiro recurso pelo qual a criança pode causar dano ao mundo exterior. A criança agora é capaz de incorporar o objeto em si própria através de uma destruição, de modo que "o morder representa a forma original do sadismo" (Abraham, 1924/1970c, p. 111). A fixação melancólica neste estágio levaria a uma coexistência entre a obstinação pela sucção do objeto e os impulsos sádico-orais, instaurando uma feroz ambivalência afetiva.

A consideração do sadismo convida a um exame das possíveis relações entre o erotismo oral e o erotismo anal nos processos psíquicos na melancolia. Freud (1917[1915]/2010a) supôs uma transformação regressiva do erotismo anal no medo de empobrecer tipicamente melancólico. A partir de suas formulações sobre os dois estágios da fase oral, Abraham também aponta um viés coprofágico nesses casos, comparando a experiência de perda do objeto para esses indivíduos à expulsão de um excremento. Após essa rejeição, há sua incorporação enquanto corpo morto. A repetição dessa expulsão do objeto perdido identificado a um dejetivo marcaria os períodos de remissão espontânea dos sintomas melancólicos nos intervalos livres. Esta chave de leitura nos indica um elemento relevante para a elucidação das psicopatologias narcísicas, já que evidencia que a retirada das conexões libidinais com o objeto anteriormente amado se dá abruptamente e ao preço de seu rebaixamento a algo sem valor. Freud (1917[1915]/2010a) também deu atenção a este ponto, ao dizer que:

O resultado não foi o normal – a libido ser retirada desse objeto e deslocada para um novo –, e sim outro, que parece requerer várias condições para se produzir. O investimento objetal demonstrou ser pouco resistente, foi cancelado, mas a libido livre não foi deslocada para outro objeto, e sim recuada para o Eu (Freud, 1917[1915]/2010a, pp. 180-181).

O "cancelamento" de um investimento objetal, a nosso ver, é equiparável a essa destituição radical do objeto enquanto amável. O paradoxo reside no fato de que, ao invés de abandonar o objeto, a dimensão afetiva de hostilidade desse encontro com sua insuficiência se endereça ao próprio Eu, pelo mecanismo da devoração do objeto. Alternando o funcionamento oral e anal de forma cíclica, o melancólico devora seu objeto pela via da incorporação e o expulsa subitamente por uma expulsão de caráter anal. Dessa forma, o melancólico destrói – mastiga – seu objeto, satisfazendo seus impulsos sádicos, ao mesmo tempo em que o retém, engolindo-o.

Além disso, Abraham traz uma contribuição muito sensível aos dilemas diagnósticos da clínica psicanalítica contemporânea. No contexto em que já havia uma cuidadosa problematização apresentada

por Freud (1923/2010b) quanto ao diagnóstico diferencial entre neurose obsessiva e melancolia tomando como parâmetro os modos de apresentação do supereu, o autor inclui a possibilidade de estabilização ou redução considerável do sofrimento melancólico por uma ascensão, ainda que temporária, à uma maior organização sádico-anal da pulsão. Fenomenologicamente, certos comportamentos e a construção narrativa do sujeito podem remeter o clínico enganosamente a uma neurose obsessiva:

Em seus 'intervalos livres' os pacientes que sofrem de psicose maníaco-depressiva apresentam as mesmas características com que a psicanálise nos tornou familiarizados nas neuroses obsessivas: as mesmas peculiaridades com relação à limpeza e à ordem, a mesma tendência a manter uma atitude obstinada e desafiadora que se alterna com uma docilidade exagerada e um excesso de 'bondade'; as mesmas anomalias de comportamento em relação ao dinheiro e às possessões (Abraham, 1924/1970c, p. 86).

O aprofundamento dessas distinções diagnósticas entre essas duas estruturas clínicas mereceria um estudo pormenorizado. Para o propósito de nosso estudo, nos balizamos pela hipótese de que uma possível estabilização de cunho obsessivo nessas configurações maníaco-depressivas podem conduzir a uma tentativa de fabricação de um Eu rígido, hipomaníaco, capaz de fazer barreira aos efeitos da sombra do objeto que se tornou dejetado. Esse reforço libidinal pode levar ao controle excessivo do pensamento pela exacerbação da atividade intelectual, assim como à sobreidentificação a determinadas ações civilizatórias das pulsões.

Daremos maior ênfase aqui à fuga maníaca, visto que ela representa o esgarçamento dos modos de estabilização ao padecimento melancólico, em uma explosão a céu aberto da pulsão oral. Freud (1917[1915]/2010a) reconheceu a ampla diversidade dos casos de melancolia. Para ele, no entanto, a característica mais intrigante de algumas melancolias era sua capacidade de transformação em mania, exibindo sintomas diametralmente opostos aos conhecidos nas fases depressivas. Para Freud, tais estados se caracterizam pela supressão imediata das repressões ou de um dispendioso trabalho do Eu em superar alguma dificuldade imposta pelo viver. Uma notável quantidade de libido se torna disponível ao Eu. O humor exaltado na mania estaria ligado ao triunfo sobre aquilo que, na melancolia, subjugava o Eu.

Anos mais tarde, Freud (1921/2016b) dá continuidade à teorização sobre a mania, definindo-a enquanto uma fusão temporária das instâncias do Eu e do Ideal do Eu. Em decorrência disso, a autocrítica e a inibição se desmancham, ao preço de uma eliminação de qualquer referência à alteridade. Essa alteridade veicula um sentimento de vida que é assegurado pela instância do Ideal do Eu na constituição humana. Sem este ponto de ancoragem, o sujeito empreende uma cruzada rumo à autodefinição, pois passa a prescindir de um Outro:

O fundamento de tais oscilações espontâneas do humor é desconhecido, portanto; falta-nos a

compreensão do mecanismo pelo qual a melancolia é trocada pela mania. Estes, então, poderiam ser os doentes para os quais valeria a nossa conjectura de que o seu ideal do Eu é temporariamente dissolvido no Eu, após tê-lo governado com rigor especial (Freud, 1921/2016b, p. 97).

Após a formalização da segunda tópica do aparelho psíquico, Freud (1933/2010d) retoma a indiferenciação entre essas instâncias. Define o estado patológico como uma defesa contra a ação de um Supereu primitivo que pune com severidade o Eu do melancólico. No surto melancólico, o Supereu torna-se rigoroso demais, xinga, humilha e maltrata o Eu, provocando as violentas autorrecriações que o indivíduo desfere contra si mesmo. Freud mostra como essa condição é ultrapassada na mania. Neste novo cenário, o Eu se acha em um estado de embriaguez, como se o Supereu tivesse perdido toda a sua força ou se fundido com ele. A este Eu liberado, maníaco, permite-se realmente a franca satisfação de todos os seus apetites. Nota-se como o termo apetite figura no texto freudiano tocando na tonalidade pulsional que leva a pulsão oral a se manifestar como um sugar desmedido.

A concepção de mania em Freud também encontrou inspiração nas pesquisas de Abraham (1911/1970a). Ele a descreve como uma alegria descuidada e irrefreável, com sentimentos de autoimportância e irritabilidade crescentes. Em sua teoria, a mania surge como um mecanismo capaz de desvincular a libido de seus conflitos interiores momentaneamente, mas que já parece de antemão fadado ao fracasso. A satisfação fruída nestes quadros se refere à suspensão total ou parcial do investimento libidinal necessário para manter a inibição – tão presente nos episódios depressivos, podendo chegar ao seu extremo, o estupor. Suas formas mais graves levam a um frenesi de liberdade. O “insaciável sadismo” (Abraham, 1911/1970a, p. 41) fica desprovido de entraves, explicando a crescente agressividade que se pode notar nas crises maníacas. Todas as reservas desaparecem. O cessar da inibição mostra ainda a face da onipotência infantil prevalente nessas irrupções que desprezam qualquer discernimento.

Em 1924, Abraham retoma as concepções de Freud e explora as articulações entre a mania e a oralidade, relacionando o sentimento de onipotência maníaco à economia psíquica da pulsão oral. O maníaco “abre a boca para o mundo”, introjetando todos os objetos possíveis, quase ao mesmo tempo também evacuando-os. Os exemplos mais típicos de tal processo ideacional, de acordo com Abraham, são a abolição do controle lógico e o jogo das palavras. Segundo este autor: “Na mania, todos os objetos são considerados como material a passar pelo ‘metabolismo psicosssexual’ do paciente num ritmo rápido. E não é difícil perceber, pelas associações do paciente maníaco, que ele identifica com excremento os pensamentos que enuncia” (Abraham, 1924/1970c, p. 132).

O trabalho psíquico de luto é objeto do estudo deste autor na interrogação sobre no que ele poderia ensinar sobre a experiência maníaca. Abraham observa que os enlutados podem experimentar um ganho agudo de libido, como intensificação do desejo sexual, dentre outros interesses. Associa este elemento a uma herança filogenética recebida de sociedades arcaicas que, para lidarem com a perda

de um de seus membros, o devoravam em um movimento autofágico que se caracterizava enquanto uma "erupção de libido" (Abraham, 1924/1970c, p. 132). Conclui que a fase maníaca carrega esse mesmo ímpeto de incorporação oral.

Por fim, Abraham (1911/1970a) exprime o afeto comum entre esses os quadros de melancolia e mania o espírito de vingança contra aquele ou aquilo que o decepcionou. Em ambas as situações, quanto maior o impulso existente, maior a propensão às atividades delirantes de culpa. Na depressão melancólica, há um esmagamento pelo complexo. Na condição maníaca, predomina a indiferença. A partir desses aspectos, podemos interrogar se seria a indiferença à alteridade um dos nomes para a voracidade pulsional. O estopim da mania traz à tona essa devastação do aparelho psíquico quando o peso simbólico da alteridade em direção a um ideal humanizador é dissipado e o empuxo à vingança invade toda a subjetividade.

Um passo a mais na elucidação da posição subjetiva subjacente à voracidade pulsional ***Novas contribuições pós-freudianas***

Tentaremos alcançar novas precisões sobre as incidências da pulsão oral, até seus níveis mais psicóticos, buscando um passo a mais no que diz respeito à posição subjetiva decifrável desta fixação pulsional. Nosso enfoque caminha para a circunscrição de uma certa modalidade de resposta ao desamparo originário, à dependência do Outro e à perda de uma satisfação narcísica. Traremos novas referências dentro da psicanálise que nos auxiliam a pensar na atitude frente à vida resultante de um modo de gozo ligado à elevação do autoerotismo oral no funcionamento mental. Desta vez, recorreremos aos reforços de duas autoras da tradição inglesa da psicanálise – Joan Rivière e Melanie Klein – sobre os laços mais primários da criança com a mãe. Em seguida, tentaremos uma concisa amarração dos pontos explorados neste artigo a partir de Jacques Lacan.

Em uma conferência chamada *Ódio, voracidade e agressividade*, de 1937, que foi publicada com Melanie Klein no livro *Amor, ódio e reparação: As emoções básicas do homem do ponto de vista psicanalítico*, Joan Rivière se ocupa com fineza diagnóstica das bases das causas e das consequências da voracidade pulsional. Para Rivière, em intensidades mais moderadas, a voracidade incide inconscientemente como uma das manifestações pulsionais do desejo de viver porque envolve um persistente impulso capaz de manter o Eu em luta contra os perigos que podem ameaçá-lo. Está na matriz pulsional do endereçamento da agressividade e da destrutividade ao mundo externo, o que, de forma regulada, mantém desperta a sensibilidade do sujeito às questões da sobrevivência. Apresenta-se como uma ânsia de posse que subsiste à esperança de que o mundo externo possa oferecer objetos úteis e desejáveis que aliviem o Eu da angústia do desamparo. Por intermédio desse reassentamento narcísico das funções egóicas, o sujeito se mantém apoiado na experiência de ser digno de amor, respeito e honra.

Para esta autora, a voracidade surge como uma reação muito rudimentar a uma perda exageradamente percebida como catastrófica no aparelho mental. Remonta às experiências mais iniciais

do bebê com sua mãe. Neste tempo de total incapacidade de distinção entre o "Eu" e o "não-Eu", reinam distorções da realidade, cujos restos sintomáticos são verificáveis nos sujeitos posteriormente. De acordo com Rivière (1937/1975), para o bebê, suas sensações particulares coincidem com toda a realidade. Assim, quando está com frio, faminto ou solitário, para o bebê, é como se, efetivamente, não existisse mais leite, prazer ou bem-estar. Ou seja, é como se as coisas importantes do mundo tivessem desaparecido.

Verifica-se que, nesta condição ainda tão pré-subjetiva, não existe o reconhecimento de mais ninguém a não ser a de si. O seio materno, protótipo de um objeto que não é o infante, se reduz a uma extensão do próprio corpo. O bebê que mama é completamente dependente de outra pessoa. Contudo, isso não o assusta inicialmente, pelo fato de não reconhecer a própria dependência (Rivière, 1937/1975). A sucção é marcada pela expectativa obstinada de saciedade do impulso. A não-satisfação desse desejo leva a um primeiro encontro traumático não somente com o desamparo originário, mas também com a sua dependência de alguém que não seja ela mesma. Segundo Rivière (1937/1975), ao descobrir que não pode suprir todas as suas necessidades, o bebê torna-se agressivo, passando a chorar e a gritar. A desestabilização de sua realidade leva ao risco de desintegração interna. Daí resulta a emergência do afeto de ódio como medo e indignação e, simultaneamente, a cobiça pela segurança. A esse respeito, Rivière (1937/1975) afirma:

Visto que, para o bebê, o bem-estar chega principalmente através de sua boca e do leite, o processo de tomar e de incorporar adquire grande significado para nós como meio de evitar ou expulsar o sofrimento e os perigos de consequentes sentimentos agressivos (Rivière, 1937/1975, p. 44).

A partir deste ponto, alguns saltos lógicos operados por esta autora parecem imprescindíveis para decantarmos novos elementos da posição subjetiva voraz. Primeiramente, nasce uma disposição psíquica que empurra para a insatisfação crônica, geradora de uma ansiedade agressiva contínua. Nada é suficiente. São indivíduos descontentes com o que quer que recebam. Seu correlato é a fantasia de ter sido roubado daquilo que trazia segurança e desapareceu. Para Rivière, essa experiência se atualiza em recorrentes sentimentos de inveja e perseguição. O mundo externo é interpretado como mau por usurpá-lo de um prazer absoluto. Uma espiral de comparações parece atestar ao sujeito que outros não sofreram tamanha perda e foram privilegiados. Rivière (1937/1975) situa nessa dinâmica o fundamento da projeção como mecanismo de defesa mais primitivo contra sensações de sofrimento e ataque devido ao desamparo. Por esta via, todas as sensações ou sentimentos penosos são automaticamente banidos para fora do indivíduo e atribuídos a um culpado. Por fim, nas palavras da autora:

É fácil verificar que essa crença ou suspeita inconsciente – de que outros que possuem mais do que nós o adquiriram roubando-nos -, embora tão ilógica é surpreendentemente apaziguadora. Pois lança a responsabilidade por sentimentos de pobreza e inutilidade, em particular por

pobreza em amor e boa vontade, sobre outras pessoas; e traz consigo a absolvição de toda culpa, voracidade ou egoísmo para com eles, pois *eles* são a causa de nós “não prestarmos no mundo”. Também sentimentos de injustiça e ressentimento – a ideia de que “ninguém *me* ajuda” – desenvolvem-se como projeção de uma noção, é a semente da maioria das formas de psicose delirante, na qual outras pessoas são suspeitas de nos roubar, de nos envenenar ou conspirar contra nós (Rivière, 1937/1975, p. 47).

Da longa passagem acima, arriscamos destacar que a “pobreza em amor” e a “boa vontade” mostram mais uma verdade da posição subjetiva voraz no que se refere à intolerância a sacrifícios ou à dependência de outros que não cooperem como uma pura extensão do sujeito. Com isso, imprime-se uma elevada exigência em relação à realidade, sempre suspeita de ter forçado uma renúncia injusta. A isso somamos uma breve intervenção feita por Melanie Klein em *Amor, culpa e reparação*, texto que acompanha a conferência de Rivière no livro acima citado. Klein (1937/1975) ressalta uma “superdependência” que se traduz pela utilização ao máximo do objeto do qual se depende. Portanto, ao que parece, um paradoxo se impõe: de um lado, o horror à dependência, de outro, uma instrumentalização do outro que agrava a indiferenciação, mantendo o Eu em suspenso. Em consonância com esse último aspecto, Klein (1937/1975) indica fuga da responsabilidade mascarada pela superdependência. A consequência disso é a anulação da própria posição e a tomada de empréstimo do discurso, dos pensamentos e das ações do outro ao qual se indiferença.

O diferencial da orientação lacaniana

Em publicações científicas já realizadas sobre este tema (Coelho dos Santos & Oliveira, 2022; Oliveira & Coelho dos Santos, 2017), existem investigações apuradas sobre o que Lacan acrescentou ao debate das incidências da pulsão oral nas melancolias. Coelho dos Santos e Oliveira (2022) mostram que o desmentido da função do Outro como suporte libidinal da ordem simbólica aprisiona o sujeito na posição de objeto materno através de um gozo predominantemente masoquista. Recortam uma formulação bastante engenhosa de Lacan:

na posição oral o sujeito [...] quer ser rejeitado; porque não é verdade dizer que a pulsão oral consiste em querer obter, nomeadamente, o seio [...]; ser rejeitado seria, neste registro, propriamente dizendo, salvar a si próprio do engolimento do parceiro materno (Lacan, 1966-1967/2004, pp. 356-358, como citado por Coelho dos Santos & Oliveira, 2022; Oliveira & Coelho dos Santos, 2017).

Uma posição tão absorvida pela vertente oral da pulsão leva o sujeito a se tratar ou a ser tratado como dejetivo, visa a uma separação por um caminho massacrante parasitado pelo imaginário das relações primitivas entre mãe e criança. Trata-se de um funcionamento psíquico dominado pela avidez. Tal excesso pulsional implica em um laço ao Outro em que o sujeito o devora e se oferece para ser

devorado por ele. Essa economia psíquica define a reivindicação do direito ao gozo de consumir. Portanto, a lógica do consumidor insatisfeito subjaz à melancolização (Oliveira & Coelho dos Santos, 2017).

Em *O Seminário, livro 8: A transferência*, Lacan (1960-1961/1992) aborda esta questão a partir da indagação sobre o que é a demanda oral que se dirige ao Outro. Levando em conta o caráter significativo neste nível tão primário de enunciação da demanda, apresenta uma correspondência entre a demanda da criança de ser alimentada e a demanda que provém do Outro de que esta se deixe alimentar. Contudo, conforme sublinha Lacan: "A demanda oral tem outro sentido além da satisfação da fome. Ela é demanda sexual" (Lacan, 1960-1961/1992, pp. 252-253). Por ter estrutura de linguagem, esse encontro, que parece ser feito para se fechar de maneira estreitamente complementar, está fadado ao fracasso. Lacan sustenta que os conflitos na relação de alimentação, dentre eles a anorexia, revelam um desejo transbordante para que a demanda não se sacie para o sujeito que tem fome. A extinção da demanda levaria, por tabela, ao esmagamento do desejo como vetor de separação possível nesta relação canibalesca com o Outro.

Como se vê, esboça-se um forçamento de separação psíquica sem metáfora paterna, que pode aniquilar o sujeito em práticas autoeróticas ainda mais infernais. Além disso, neste mesmo *Seminário*, Lacan (1960-1961/1992) chega ao componente masoquista da oralidade, acrescentando a tendência sádica no laço com o Outro. Afirma que:

"Na fase oral, é o tema do devoramento que está situado à margem do desejo, é a presença da goela da vida. Portanto, o "se fazer devorar", "se fazer consumir", situa-se à margem do desejo, tem estrutura da fantasia sadomasoquista na qual se espera um sofrimento do Outro" (Lacan, 1960-1961/1992, p. 205).

Para Lacan (1960-1961/1992), é o império máximo de uma fantasia de comunhão, na qual os níveis de fusão e consumo recíproco entre sujeito e objeto no laço oral levam à fragmentação psíquica. Interpelamos se esta "goela da vida" da qual fala Lacan não se consiste no real do desamparo que suga o sujeito ainda bastante fixado na posição de objeto materno, conduzindo a uma resposta que extrapola nas reações ambivalentes ao Outro que presentifica esse real.

Em *O Seminário livro 10: A angústia*, Lacan (1962-1963/2005) expõe a centralidade das incidências da pulsão oral no campo da psicopatologia. Faz seguinte observação:

É singular que a psicanálise, que discerniu inauguralmente a função nodal do que é propriamente sexual na formação do desejo, tenha sido levada, no correr de sua evolução histórica, a buscar cada vez mais na pulsão oral a origem de todos os acidentes, anomalias e perplexidades que podem produzir-se no plano da estruturação do desejo (Lacan, 1962-1963/2005, p. 253).

Entretanto, desta vez, ele trabalha mais diretamente os destinos da pulsão oral no psiquismo como uma metáfora dos dilemas inerentes à lógica fálica no complexo de castração. Trata-se do percurso simbólico de extração, ou não, do objeto *a* como modo de gozo indiferenciado com o Outro que pode vir a operar como causa do desejo.

Para além das “nuvens da dramaturgia da análise” que concentram as considerações sobre o lactente e o seio (Lacan, 1962-1963/2005, p. 253), Lacan destaca a sucção em sua função alicerce mais real deste laço como a subsistência biológica do sujeito na ordem dos mamíferos. No campo da fala e da linguagem, a sucção põe em funcionamento os lábios em sua estrutura de erogeneidade como função de borda. De acordo com Lacan (1962-1963/2005), o lábio nos apresenta a própria imagem da borda como encarnação de um corte. No plano do significante, os fonemas consonantes, que são os mais fundamentais por estarem ligados ao corte são modulados neste nível. *Mamãe* e *papai* são articulações labiais. O discurso do Outro se faz presente por meio desta captura libidinal, ainda sob o primado o gozo materno com seu objeto fálico. Por outro lado, Lacan realça a propriedade do lábio poder ser simbolicamente perfurado, esticado ou “triturado de mil maneiras” (Lacan, 1962-1963/2005, p. 255) nos ritos de iniciação, evidenciando a potência desta borda na dimensão do vivo e das práxis humanas. Lacan também recorre a Homero para destacar que o lábio é o “recinto dos dentes” (Lacan, 1962-1963/2005, p. 255). Como vimos, a dentição de leite põe em curso a mordida como versão ainda mais agressiva da pulsão oral.

Os impasses ligados às ressonâncias mais primordiais do complexo de castração aparecem em suas elaborações sobre a dialética do desmame enquanto separação do seio. Lacan (1962-1963/2005) faz uma analogia entre o desmame oral e o desmame do nascimento. Parte do real que nossos processos fisiológicos impõem. O nascimento inscreve um corte entre o indivíduo lançado no mundo exterior e seus envoltórios. Estes envoltórios são partes dele mesmo por serem elementos do óvulo. A separação representa, portanto, uma fratura da unidade formada entre mãe e criança pela placenta. Conforme descreve Lacan (1962-1963/2005), “o ovo se apresenta, em sua posição intrauterina, numa relação semiparasitária com o organismo da mãe” (Lacan, 1962-1963/2005, p. 256). Como um prolongamento dessa relação em que partes do organismo materno pertencem a ambos, a função original da mama também implica em algo intermediário entre o bebê e a mãe destinado a um corte. Tanto a placenta, quanto a mama operam estruturalmente como objeto *a*, que se define como “algo de que a criança é separada de maneira interna à esfera de sua própria existência” (Lacan, 1962-1963/2005, p. 256).

Para Lacan (1962-1963/2005), essa relação ao objeto parcial descortina a verdade da relação oral como uma certa forma de ligação com a mãe na qual a criança é um pequeno vampiro. Lacan enfatiza a aura de angústia que essa imagem do vampirismo suscita como sendo o que há de mais real nesse circuito. Observa que, nessa modalidade de satisfação pulsional, ocorre um questionamento da função do Outro materno que, por sua máxima onipotência, leva a elevadas expectativas da criança. O ponto de angústia fica no nível do Outro, isto é, do corpo da mãe, que é sempre posto em xeque em sua capacidade de saciar. Já no ponto do funcionamento do desejo, revela-se a incidência de um

fantasma que põe o sujeito em suspenso devido ao estreitamento de sua identificação a esse resto de objeto *a*, tornando inconscientemente voraz. Os desafios colocados pela orientação lacaniana são muitos. Eles nos convidam ao aprimoramento do diagnóstico diferencial entre as incidências do erotismo oral em psicoses e na histeria. Apostamos que este seja objeto de estudo em nossos futuros trabalhos.

Notas:

1. Este artigo é composto parcialmente por passagens reescritas e aperfeiçoadas do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Psicologia intitulado *Um estudo sobre oralidade e psicose maníaco-depressiva em psicanálise: Etiologia e semiologia*, de Filipi Dias de Souza Malta, pela Universidade Federal Fluminense, campus Niterói. O trabalho foi orientado pela Profa. Dra. Flavia Lana Garcia de Oliveira e aprovado por banca em dezembro de 2023. Outra parte do artigo é constituída por avanços da pesquisa da Profa. Dra. Flavia Lana Garcia de Oliveira, intitulada *Incidências de estados melancoliformes e maniformes na clínica psicanalítica contemporânea*. Atualmente, tal projeto conta com financiamento PIBIC-CNPq.

Referências Bibliográficas

- Abraham, K. (1970a). Notas sobre a investigação e o tratamento psicanalíticos da psicose maníaco-depressiva e estados afins. In K. Abraham. *Teoria psicanalítica da libido: sobre o caráter e o desenvolvimento da libido* (pp. 32-50). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1911).
- Abraham, K. (1970b). O primeiro estágio pré-genital da libido. In K. Abraham. *Teoria psicanalítica da libido: sobre o caráter e o desenvolvimento da libido* (pp. 51-80). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1916).
- Abraham, K. (1970c). Breve estudo do desenvolvimento da libido visto à luz das perturbações mentais. In K. Abraham. *Teoria psicanalítica da libido: sobre o caráter e o desenvolvimento da libido* (pp. 81-160). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1924)
- American Psychiatric Association - APA. (2013). *Diagnostic and Statistical Manual of Disorders* (5a ed.). Washington.
- Coelho dos Santos, T. & Oliveira, F. L. G. (2022). As patologias narcísicas e os estados depressivos na pós-modernidade. *Tempo Psicanalítico*, 54(1), 6-30.
- Freud, S. (2010a). Luto e Melancolia. In S. Freud. *Obras Completas, Volume 12: Introdução ao Narcisismo, Ensaios de Metapsicologia e outros textos* (pp. 127-144). Rio de Janeiro: Companhia das Letras, v. I. (Trabalho original publicado em 1917[1915]).
- Freud, S. (2010b). O Eu e o Id. In S. Freud. *Obras Completas, Volume 16: O Eu e o Id, "Autobiografia" e outros textos* (pp. 13-78). Rio de Janeiro: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1923).

- Freud, S. (2010c). "Autobiografia". In S. Freud. *Obras Completas, Volume 16: O Eu e o Id, "Autobiografia" e outros textos* (pp. 79-167). Rio de Janeiro: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1925).
- Freud, S. (2010d). A Dissecção da Personalidade Psíquica. In S. Freud. *Obras Completas, Volume 18: O Mal-Estar na Civilização, Novas Conferências Introdutórias à Psicanálise e outros textos* (pp. 192-224). Rio de Janeiro: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1933).
- Freud, S. (2016a). Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade. In S. Freud. *Obras completas, Volume 6: três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria ("O caso Dora") e outros textos* (11a ed., pp. 13-172). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1905).
- Freud, S. (2016b). Psicologia das Massas e Análise do Eu. In S. Freud. *Obras Completas, Volume 15: Psicologia das Massas e Análise do Eu e outros textos* (pp. 9-100) São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1921).
- Klein, M. (1975). *Amor, ódio e reparação: As emoções básicas do homem do ponto de vista psicanalítico*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1937).
- Lacan, J. (1992). *O Seminário, livro 8: A transferência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1960-1961).
- Lacan, J. (2004). *La logique du fantasme*. Paris: Éditions de l'Association Lacanienne Internationale. (Trabalho original publicado em 1966-1967).
- Lacan, J. (2005). *O Seminário livro 10: A angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1962-1963).
- Oliveira, F. L. G. & Coelho dos Santos, T. (2017). Psicopatologia dos transtornos alimentares e seus estados melancólicos. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 20(2), 247-262. Recuperado de <https://doi.org/10.1590/1415-4714.2017v20n2p247.3>.
- Rivière, J. (1975). Ódio, voracidade e agressividade. In M. Klein. *Amor, ódio e reparação: As emoções básicas do homem do ponto de vista psicanalítico*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1937).

Citação/Citation: Oliveira, F. L. G. de & Malta, F. D. de S. (nov. 2023 a abr. 2024). Um estudo sobre as incidências da pulsão oral nas psicoses maníaco-depressivas. *Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana*, 19(37), 56-73. Disponível em www.isepol.com/asephallus. doi: 10.17852/1809-709x.2024v19n37p56-73.

Editor do artigo: Tania Coelho dos Santos

Recebido/ Received: 14/03/2024 / 03/14/2024.

Aceito/ Accepted: 04/04/2024 / 04/04/2024.

Copyright: © 2024. Associação Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o moderno e o contemporâneo. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados/This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the author and source are credited.